

**JOSÉ SARAMAGO: Do princípio do mundo**

MARIA  
JUDITE DE  
CARVALHO



**ANIVERSÁRIO**

CHIANCA  
DE  
GARCIA

**BORGES COELHO: Reivindicar Espinosa**

**JOSÉ CARDOSO PIRES**

**A morte burocrática**

**ISABEL  
DA NÓBREGA**

**Como roubei  
o azul de Veneza**

**MÁRIO  
VENTURA**

**O dia  
em que não estive**

**FERNANDO NAMORA**

**“Os clandestinos” (excerto)**

**MANUEL  
FERREIRA**

**A solidão  
de uma noite**

**URBANO  
T. RODRIGUES**

**Estará a nossa geração  
perdida para o teatro?**

**ATTICUS: o drama de Chipre**

ARMINDO  
BLANCO

FERNANDO  
DACOSTA

CALVET DE  
MAGALHÃES

MANUEL DE  
AZEVEDO

TORQUATO  
DA LUZ

JOSUÉ  
DA SILVA



ANIVERSÁRIO

JOSÉ CARDOSO PIRES

# A MORTE BUROCRÁTICA

«Quando eu morrer quero ir de burro», disse Sá Carneiro num dos «últimos poemas» que escreveu. E ele lá tinha as suas razões: as homenagens «post mortem» são em muitos casos a apropriação abusiva de uma existência que se recusou a vénias e a submissões e, noutros, por isso mesmo uma vingança final sem contestação.

Mário de Sá Carneiro procurou fugir ao equívoco, evitar o discurso à beira do coval, para não ficar irmanado com os mediócras ilustres, mas os mediócras ilustres ou os seus procuradores vingaram-se. Em vez de romperem «aos saltos e aos pinotes», como ele tinha pedido, puseram gravata preta e enterraram-no em 30 linhas de texto a uma coluna na **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**. Mais adiante, no talhão seguinte, letra D, ergue-se o retrato do Dr. Júlio Dantas em canteiro de 155 linhas de prosa florida.

Para John Mansefield (**Pompey the Great**) a morte abre portas desconhecidas» principalmente, quanto a mim, nacidadedosvivos). Ela possibilita a impunidade sobre a memória, alarga-se à conjectura, à torção da imagem desaparecida. Serve, se serve e tantas vezes!, de pretexto para humilhar os parentes mais doridos, os que ficaram.

Daí que as academias dos generosos utilizem a morte como porta da consagração. No seu compromisso com o **statu quo**, argumentam que o juízo imparcial dos autênticos valores, etc, necessita de distância, etc, de perspectiva histórica. Só lhes interessa o que é passado para não comprometerem o presente em vigor; e, vai daí, vestem de luto a História da Literatura que se transforma numa espécie de museu com legendas de «requiem». A necrofilia literária institui-se como regra profiláctica e em resultado último preocupa-se em enterrar os vivos e comemorar os

mortos. Logo, que o escritor silenciado entra no silêncio final, então, muito compreensivelmente, apressa-se a reconhecer-lhe as virtudes que antes lhe recusava, passará por cima do que lá vai, lá vai, e, aproveitando o **de profundis**, poderá exibir uma independência de critérios que lhe serve de caução para exercer prepotências de julga-

Dantas. Mário Eloi a 33 linhas de Enciclopédia, paredes meias com Eduardo Malta que está em retrato de honra e em elogio de 110 linhas.

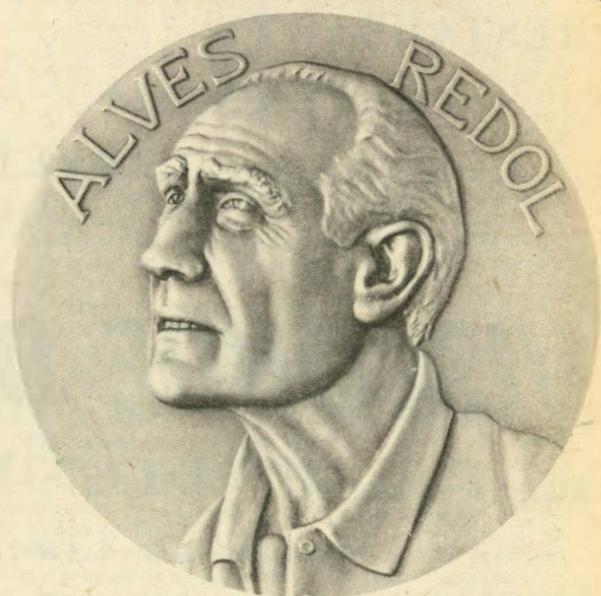
São prevenções como estas que me ocorrem quando ouço falar agora da inauguração em Vila Franca de Xira de uma rua com o nome de Alves Redol.

Para mim, que não sou sensível a este tipo de imortalização obriga-me a um esforço de adaptação ao costume estabelecido, a encará-lo no sentido mais austero e mais digno que lhe possa ser atribuído. **Rua Al-**

são do homem que nela se evoca. E menos ainda festejar «em escritor ribatejano» um português de projecção internacional.

Daí a minha curiosidade sobre o alcance do acontecimento.

Tanto quanto eu sei, o memorial literário da Borda d'Água tem o seu lugar-comum oficial no portuense Almeida Garrett por causa das suas viagens pela lezíria. Joanhina dos Olhos Verdes, elogio dos forcados, glórias ao Tejo, e o mais que se sabe. Já que assim é talvez não deixasse de ser oportuno reler Alves Redol,



rência histórica no decorrer da ficção, certo humor ladino até, e finalmente a tentação do casticismo que em ambos ressalta com frequência e que em Redol nem sempre é dominada com felicidade. Isto é muito mais. Não é por acaso que **Olhos de Água** aparece em dedicatória a Garrett e como «firme oposição a um cosmopolitismo que para aí anda a alardear fraternidade».

A aproximação de dois escritores, tão afins sob vários aspectos, seria um dos temas de circunstância para aprofundar a figura de Alves Redol. Haverá outros, evidentemente — mas este ocorre logo à partida já que o retábulo ribatejano tanto insiste em reivindicar a Garrett como sua ilustração de fachada. A efeméride ganharia solidez maior e a comemoração uma outra responsabilidade — logo, uma projecção mais consequente.

Porque, com mais lápida, menos lápida, mais rua, menos rua, a presença de Alves Redol está irremediavelmente sublinhada na história de um povo, não de uma área regional. A par de toda uma vida coerente, o que conta agora é o legado vivo de um escritor que foi pioneiro de novos caminhos da prosa, um romancista que se alargou a vários quadrantes do nosso quotidiano e um experimentador de realidades portuguesas. Da saga do Port Wine ao cerco dos pescadores da Nazaré, Redol elaborou novos capítulos do guia de Portugal para elucidação dos nossos contemporâneos aqui e

doutras fronteiras. Lisboa também lá está, e a lezíria, e as existências suburbanas, entre campo e cidade. Mas bastava **Barranco de Cegos**, esse romance que tem a grandeza dos melhores livros de Camilo, de Eça ou de Aquilino, para que os protocolos da efeméride se curvassem ao significado universal de uma obra que já não é apenas daqui, Portugal. Ele anda agora nas mãos do grande mundo, foi traduzida e estudada nas universidades da Europa e das Américas; tem caminhos mais amplos que aqueles que uma avenida comemorativa pode conceber.

A menos que a avenida, a praça ou o monumento tenham a profunda, a sentida convicção de uma glória que se festeja e que disso se faça honra consequente. Que seja algo mais do que uma comemoração burocrática ou gesto de regional «apreço».

«Post Scriptum» para Urbano Tavares Rodrigues:

O atlas literário e artístico de Lisboa pode servir-nos, penso eu, de meditação sobre o confucionismo cultural de hoje e de ontem. O **Who's who** que ele traduz nas esquinas e nos endereços postais obedece muitas vezes a caprichos insondáveis e não tenho dúvidas, meu Caro, que é essa a tua opinião. Nem por isso quero deixar de te dedicar este texto de comentário, já que a tua camaradagem leal se vinculou uma vez mais à memória do nosso companheiro desaparecido.



Mais do que uma comemoração burocrática.

mento sobre os que cá ficam.

Assim fazem os consules da inteligência em certos momentos de crise. Ao morto exemplar concedem uma referência obscura no panteão dos vultos transitórios que nessa companhia ganham dimensão mais válida. E com isso promovem simultaneamente a necessária confusão de valores. Sá Carneiro no mesmo «in memoriam» de Júlio

**ves Redol?** Seja. Mas que rua? E onde e com que relevância? Cantinho à margem ou merenda de pobre na herdade paternalista?

Bem sabemos, entre mãe e madrastra a terra de origem desconhece muitas vezes o filho universal. Mas antes a ignorância do que o saber errado Antes o silêncio eloquente do que a «concessão tolerante» de uma memória sem total consciência da dimen-

pensando em Garrett — e então teríamos uma luz esclarecedora da importância do escritor que se pretende homenagear. Veríamos, por exemplo, como se prolongam de um para o outro determinatas constantes do romantismo: estilo da narrativa (amaneiradecontar, entremeada de desvios e de apontamentos pessoais), a apropriação vocabular regional, a paixão etnográfica, a intervenção da refe-